

COISAS DA POLÍTICA

REGINA ZAPPA

A hora e a vez dos sociólogos

Todo mundo sabe que em time que está ganhando ninguém mexe e em time que está perdendo, mexe-se o tempo todo, até se encontrar uma fórmula que funcione. Há mais de 20 anos, o Brasil vem trocando seus jogadores, sem, no entanto, mudar a estratégia e a estrutura do jogo. Desde os anos 70, a solução para os problemas do país ficou entregue às experimentações dos economistas. Os tecnocratas ganharam poder durante o regime militar, quando a intenção era esvaziar a política. Criou-se o mito de que a solução para a crise brasileira teria que sair dos manuais de economia. A crise, porém, contém um elemento sociológico que vinha até agora desafiando a argúcia dos economistas de todas as escolas e estaturas.

Não é por acaso que a esta altura tenham despontado no cenário político nacional dois sociólogos: o ministro da Fazenda, Fernando Henrique Cardoso, e Herbert de Souza, o Betinho. Embora não associados diretamente e agindo em pólos completamente diferentes, os dois têm amplo apoio do presidente Itamar Franco e traçam uma trajetória paralela com um destino comum: a luz no fim do túnel.

O ministro tem em suas mãos uma imensa gama de problemas que atormentam a administração do país. Cabe a ele, como a qualquer ministro da Fazenda, resolver os problemas monetários, da dívida, do orçamento, da receita, dos salários dos servidores. Sua ação se desenvolve de cima para baixo, no contexto do mundo oficial. Sua indicação, porém, reflete uma visão mais ampla: a de que a saída para a crise é política e que o Brasil só voltará aos trilhos quando os governantes pautarem suas decisões a partir de um projeto político. Fernando Henrique já avisou que "agora o país tem um rumo que não vai sofrer ziguezagues". Não pretende usar nenhuma fórmula mágica para acabar com a inflação de uma hora para outra, mas exercer um controle persistente que permita diminuí-la com segurança. O Brasil está cansado de sobressaltos e o ministro já entendeu isso.

Mas, ao tratar do salário dos servidores, o ministro começa a entrar em contato com a realidade. Com um número de funcionários que só na área federal excede a cifra de 1 milhão, não é difícil verificar que o Estado está inchado. Por outro lado, vê-se também que a estrutura desse setor não tem apenas o objetivo de atender às necessidades da administração. Tradicionalmente, o serviço público serve também para atender a problemas sociais. Um exemplo disso são os programas das Frentes de Trabalho ou Frentes de Emergência, quando o governo tenta suprir a inexistência de uma política assistencial, dando empregos para distribuir renda. No percurso de sua viagem de Nova Iorque a Brasília, Fernando Henrique entendeu que o proble-

ma — e isso é realmente um grande problema — não se resolverá da noite para o dia. Em Nova Iorque, o ministro disse que o governo só daria aos servidores o que poderia dar. Em Brasília, o Palácio já se dizia disposto a conceder cerca de 90%.

Quando esteve no Chile, recentemente, Fernando Henrique ficou entusiasmado com o desempenho da economia daquele país. É preciso não esquecer que os ajustes chilenos começaram durante a ditadura do general Augusto Pinochet, quando era fácil sufocar as inquietações sociais. E as *callampas* (favelas) continuam lá. Deve existir a consciência de que modelos e experiências de outros países não podem ser pura e simplesmente copiados. O presidente Carlos Andrés Pérez está em maus lençóis e foi o pioneiro na aplicação, na Venezuela, do receituário dos organismos internacionais. O país não agüentou.

México e Argentina, tão citados pelos países desenvolvidos como modelos para a sempre problemática América Latina, ainda estão no meio do percurso. Na vizinha Argentina, a inflação está contida graças a uma paridade monetária entre o peso e o dólar americano, que destruiu a moeda argentina.

O Brasil, por suas proporções e massa, está condenado a buscar seu próprio caminho. O ministro declarou estar ciente de que não há milagres e que os problemas não se resolverão a curto prazo. É preciso estabelecer uma política e uma orientação, um rumo a seguir. "A ilusão de pensar que o Brasil é um país do Primeiro Mundo termina quando se olha para o povo, a favela, o desemprego, os bolsões de miséria", disse, o ministro Fernando Henrique.

No outro pólo da questão brasileira, surge o sociólogo Betinho. Seu trabalho, ao contrário do ministro, é feito de baixo para cima — reconhece o terreno, constrói as bases, mobiliza. Igualmente prestigiado pelo presidente Itamar Franco, até há pouco ele parecia cercado, em doses iguais, de simpatia e incredulidade. Incredulidade porque ele não conta com os instrumentos da rotina da administração para levar adiante sua campanha pela cidadania e contra a miséria. Mas seu movimento está se alastrando e começa a colher frutos, não só no campo das ações concretas, mas num outro, mais difícil ainda: o da conscientização para as carências à nossa volta que pode levar a toda uma mudança de mentalidade.

Uma sociedade que aprende a exigir, a pressionar, a fiscalizar, mas também a cooperar, a se solidarizar, não vai esperar sentada que as soluções para todos os problemas caiam do céu (ou do governo). O ministro precisa da ação do sociólogo e este da ação do ministro. Ambos precisam do apoio que puderem manter e fazer crescer — cada um nas áreas onde atua. Afinal, não existe economia sem sociedade.